

# BEIJADOS PELO SOL

Rogério Andrade Barbosa



Ilustrações de  
John Kilaka

## SUPLEMENTO DO PROFESSOR

Elaborado por  
Andréia Manfrin



Quando uma história é bem contada, por mais distante que seja o país em que ela acontece, é fácil nos transportarmos para lá. *Beijados pelo sol* é esse tipo de trama que nos leva para as cidades da Tanzânia, um país da África pouco conhecido por muitos brasileiros. Graças ao nosso protagonista, Kivuli, um garoto albino de apenas 12 anos, podemos conhecer um pouco as histórias do país, desde seus meios de transporte até suas diferentes paisagens e, sobretudo, algumas crenças que podem fazer daqueles que produzem pouca melanina – os *zeruzeru* – alvos fáceis de pessoas mal informadas e muito mal-intencionadas. Sente-se na janela de um *dalladalla* e boa viagem!

## A GEOGRAFIA DA AVENTURA

Se vamos ler uma narrativa que se passa na Tanzânia, nada melhor do que conhecer um pouco do país, para mergulhar com mais propriedade na história, não é mesmo?

Antes de fazer a leitura do livro, comece propondo aos alunos a leitura da quarta capa, que já traz elementos suficientes para aguçar nossa curiosidade sobre a trama. Chame a atenção deles para o fato de a história acontecer na Tanzânia. Pergunte o que sabem a respeito do país. É provável que tenham poucas informações, já que o contato com países da África é pouco, mesmo em sala de aula. Então, traga um mapa e peça que localizem o país em questão no continente africano. É importante eles perceberem a grande quantidade de países que formam esse continente, já que muitos se referem aos países da África como se formassem um só grande país, e ignoram completamente que a língua, religião, cultura, fauna, flora etc. dos mais de 50 países que formam esse continente são diferentes uns dos outros. Esse será o ponto de partida para uma pesquisa prévia sobre a Tanzânia, in-



cluindo cultura, hábitos e geografia. Organize os alunos em grupos de quatro ou cinco. Cada grupo deverá pesquisar um aspecto do país: economia, relevo, cidade economicamente mais importante, capital, flora e fauna típicas da região etc. O objetivo é que eles tenham informações importantes sobre o país e possam reconhecer os dados de suas pesquisas ao longo da leitura do livro, trazendo-os para a narrativa, de modo que a história não lhes pareça distante a ponto de não se identificarem com a situação de Kivuli.

## **EU, VOCÊ, KIVULI E A GENÉTICA**

Sugerimos que a leitura do livro seja feita individualmente, sobretudo porque a narrativa demanda tempo e empatia pelos conflitos enfrentados pelo protagonista, o que pode ser mais bem assimilado em uma leitura silenciosa e atenta. Depois da leitura, verifique se os alunos conhecem pessoas albinas. Em caso afirmativo, seria interessante eles citarem as principais características delas. Caso não conheçam, reforce o que é dito sobre os albinos na apresentação do livro e organize uma roda de discussão sobre o tema. A genética determina os traços físicos de todos os seres e as diferenças estão em cada um de nós, não só naqueles que “fogem do padrão”. É importante os alunos se colocarem no lugar de Kivuli: imagine-se perseguido por ter olhos castanhos, a pele

com sardas, cabelos lisos etc. O objetivo aqui é mostrar que, ao longo da história da humanidade, milhões de pessoas sofreram por causa de lendas, mitos e crenças envolvendo quem tivesse características físicas “diferentes”, das mais diversas, como os negros, os judeus, os próprios albinos etc.

## **O JOGO DO DIFERENTE**

Um aluno por vez, escolhido por você, será responsável por classificar os demais em três grupos, de acordo com características comuns. O aluno pode ficar livre para escolher os critérios, que devem começar pelas características físicas. Por exemplo: grupo de alunos com a mesma cor dos olhos; cor dos cabelos; altura; comprimento dos cabelos (curtos, médios, compridos); loiros, morenos, ruivos etc. Cuide para que os critérios escolhidos sejam baseados em características que não induzam os participantes a qualquer constrangimento (como gordos e magros, por exemplo). Faça a dinâmica novamente com pelo menos quatro alunos, que não podem repetir o critério de seleção. A intenção é que, ao final da dinâmica, eles se reconheçam nos grupos pelas semelhanças e, ao mesmo tempo, percebam que pertencer a diversos grupos, de acordo com o critério de seleção, mostra que somos diferentes uns dos outros, reduzindo assim qualquer tipo de discriminação que possa haver na sala de aula, o que, infelizmente, é recorrente nas escolas.

## **“SEMPRE QUE MORRE UM LOUVA- -A-DEUS NA TERRA, HÁ UM DEUS QUE SOLUÇA NO CÉU” – PROVÉRBIO DA TANZÂNIA**

Uma forma de viajar para um país, sem sair de casa, é conhecendo um pouco de sua língua. Muitos relatos de viajantes que se aventuram por países pouco conhecidos falam



da importância de arriscar algumas palavras na língua local. Os habitantes ficam tão lisonjeados que isso pode render alguns descontos em mercadorias, por exemplo, para o turista, além de ele se sentir muito mais acolhido. O livro *Beijados pelo sol* nos presenteia com o uso de alguns termos em *swahili*, a língua oficial da Tanzânia e falada em muitos outros países da África, que divide espaço com o inglês. Outra característica cultural da Tanzânia são os provérbios. Alguns deles são mencionados no livro. Explore-os com os alunos. Ofereça uma lista de provérbios a eles, como o que está no título desta atividade: “Sempre que morre um louva-a-deus na terra, há um deus que soluçã no céu”; ou o que foi citado pelo então presidente da Tanzânia na época da Guerra Fria: “Quando os elefantes lutam, quem sofre é o capim”; há também o que estava no cartão de visitas de Kipemba: “As pegadas das pessoas que andaram juntas nunca se apagam” (p. 51); ou ainda aquele que Kivuli murmurou quando uma idosa cedeu um espaço para ele se sentar no *dalladalla*: “Os velhos são como uma árvore antiga, quanto mais velha a árvore, maior a sombra”. Cada aluno deve escolher um provérbio e ficar responsável por interpretá-lo. Ele pode recorrer a pesquisas, a outras pessoas para saber como elas o interpretam etc. Depois, uma vez o provérbio “compreendido” e assimilado, cada aluno deve escolher uma forma artística para apresentá-lo ao restante da turma. Eles podem optar por fazer uma pintura, uma fotografia, uma dança, um poema ou uma música, por exemplo, que interprete o que aquele provérbio significa para eles. O objetivo é transformar os provérbios em manifestações artísticas, trazendo um pouco de atmosfera poética para o trabalho com o tema.

